

---

## Mães e de anjos: o enquadramento da maternidade, a partir de *posts* da página União Mães de Anjos<sup>1</sup>

Vívian Tatiene Nunes Campos<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Neste artigo buscamos compreender o enquadramento que é dado à maternidade experienciada por mães de crianças com síndrome congênita causada pelo Zika vírus. Para isso, vamos analisar dois *posts* na página da UMA (União de mães de Anjos, do Recife)<sup>3</sup> hospedada no Facebook. Do ponto de vista metodológico, iremos examinar esse material a partir da perspectiva de enquadramento, elaborada na década de 1970 por Erving Goffman e do horizonte do feminismo negro interseccional. Iremos perceber, ao longo da análise, que dois enquadramentos se sobressaem nos *posts*: o da mãe que é cuidadora, que recebeu um dom superior e tem a missão de cuidar de uma criança deficiente e o da mãe resiliente, que enfrenta todas as dificuldades, porque recebeu o dom divino de ser uma mãe de um “anjo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Comunicação e Saúde; Mídias Sociais; Zika Vírus.

### Introdução

Em 2015, a população brasileira tomou conhecimento de que além da dengue, outras duas doenças também poderiam ser transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* – a Febre Chikungunya e o Zika vírus. Em abril de 2015, o Zika vírus se espalhou pela Bahia e Rio Grande do Norte e, no final do ano, foram identificados casos da doença em todas as cinco regiões do país e o Ministério da Saúde estimou que entre 500 mil e 1,5 milhão de pessoas foram infectadas. Em novembro de 2015, conforme Albuquerque et al. (2018), o Ministério da Saúde assumiu a existência de uma epidemia<sup>4</sup> da malformação congênita e decretou o estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN). Posteriormente, o vírus migrou para outras partes das Américas, com surtos dignos de nota na América Central, Caribe e partes tropicais da região andina (LESSER e KITRON, 2016).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no **GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente**, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, e-mail: viviancampos7@gmail.com

<sup>3</sup> A UMA teve início em 22 de dezembro de 2015 e atualmente atende mais de 300 mães e famílias em todo o estado de Pernambuco. Página disponível em: <<http://bit.ly/2KyiesK>>. Acesso em: 20. Jun. 2019.

<sup>4</sup> ALBUQUERQUE et al. definem como epidemia a ocorrência de casos de uma doença, comportamento específico ou outros eventos relacionados à saúde, claramente acima da expectativa normal para uma comunidade ou região (ALBUQUERQUE et al., 2018, p. 2).

---

Em 28 de novembro de 2015 foi confirmada a relação entre o vírus Zika e a microcefalia<sup>5</sup>. Um exame em um bebê que faleceu no estado do Ceará, pouco após ter nascido com microcefalia e outras malformações congênitas, confirmou a relação entre o vírus Zika e o surto de microcefalia. Para ajudar a conter novos casos de microcefalia relacionados ao vírus Zika, a então presidenta Dilma Rousseff lançou, em 5 de dezembro de 2015, o “Plano Nacional de Enfrentamento à Microcefalia Relacionada à Infecção pelo Vírus Zika”. Tratava-se de uma grande mobilização nacional envolvendo diferentes ministérios e órgãos do governo federal, em parceria com estados e municípios.

Quatro anos após a chegada do vírus ao país, já observamos uma geração de crianças<sup>6</sup> sobrevivendo com a síndrome congênita causada pelo Zika vírus, especialmente na região nordeste do país. O Zika vírus e sua mais grave consequência, a síndrome congênita, afetaram e ainda afetam sobremaneira as mulheres nordestinas e, de forma mais intensa, as que estão em idade reprodutiva e que são pobres e negras - confirmando que é “no nordeste da escravidão, da casa-grande e do engenho que este país se fez um dos mais desiguais do mundo” (DINIZ, 2016, p. 132).

Conforme informações do Boletim: “A epidemia de Zika e as mulheres negras”<sup>7</sup>, preparado pela médica, Diretora Executiva da Anistia Internacional no Brasil e uma das fundadoras da ONG Criola, Jurema Werneck, as mulheres negras estão muito expostas ao Zika e às demais doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, de alta incidência em regiões onde a falta de saneamento básico e a necessidade de guardar água potável criam um ambiente favorável para a reprodução do mosquito. Também são essas as regiões mais empobrecidas do país e com o maior número de mulheres negras. Segundo a médica, o descumprimento do direito básico de moradia, o fornecimento irregular de água, a coleta inadequada de lixo é o que está por trás das seguidas epidemias de dengue nos últimos 30 anos e da multiplicação da Zika e da Chikungunya mais recentemente.

Em entrevista à Agência Brasil de Comunicação (EBC)<sup>8</sup>, Jurema Werneck ressaltou que não foram notificados dados epidemiológicos da doença com recorte por raça. Embora o Estatuto da Igualdade Racial, aprovado em 2011, determine isso, o Ministério da Saúde não inseriu o dado raça/cor ao criar a ficha de notificação obrigatória

---

<sup>5</sup> Manifestação mais conhecida e visível da Síndrome Congênita causada pelo Zika Vírus. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/zika-0>>. Acesso em: 20. Jun. 2019.

<sup>6</sup>Matéria do portal Uol trata do assunto: <[encurtador.com.br/wfJW2](http://encurtador.com.br/wfJW2)>. Acesso em: 20. Jun. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2tXP0sR>>. Acesso em 20 de jun. 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2KChZMY>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

---

para o Zika. Portanto, não foi possível quantificar com precisão quantas mulheres negras tiveram a doença, ou quantas estão suscetíveis a gerar uma criança com a síndrome congênita.

Porém, Werneck salienta que estudos iniciais já apontavam que 70% dos bebês com microcefalia eram filhos de mulheres negras. Apesar de não existirem os dados oficiais, conforme informações do Boletim, Pernambuco, o estado mais afetado pela epidemia, tinha até outubro de 2016, 392 casos confirmados de bebês com microcefalia. Desses casos, 223 (57,3%) eram filhos de famílias vinculadas ao Cadastro Único de benefícios sociais. Por este cadastro, foi possível constatar que 70% das mães eram jovens de 14 a 29 anos, sendo 77% negras. Além disso, 89% delas estariam aptas a receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC), benefício assistencial concedido pelo INSS a idosos ou pessoas portadoras de alguma deficiência e que ganham menos de um quarto do salário-mínimo por mês, o que equivalente a R\$220. Ao cruzarmos estes dados e informações, é possível depreender o perfil predominante dessas mulheres, que são mães de crianças com microcefalia, a saber: pobres, negras, nordestinas e jovens.

Em consonância, o relatório produzido pela *Human Rights Watch* (HRW) e divulgado em julho de 2017, “Esquecidas e desprotegidas: o impacto do vírus Zika nas meninas e mulheres do Nordeste do Brasil”<sup>9</sup>, revela a vulnerabilidade das mulheres, pobres, negras e nordestinas à doença. Conforme o relatório, os impactos do surto do Zika vírus foram desproporcionais sobre as mulheres jovens, solteiras, negras e nordestinas. Sendo que 75% dessas mulheres se identificaram como preta ou parda.

A HRW entrevistou 183 pessoas em Pernambuco e na Paraíba – dois dos estados do Nordeste mais atingidos pelo vírus – incluindo 98 mulheres e meninas entre 15 e 63 anos de idade, sendo que 44 dessas mulheres estavam grávidas ou tinham dado à luz recentemente e 30 entrevistadas criavam filhos com síndrome congênita. A pesquisa demonstrou que o surto do Zika vírus gerou graves consequências para as mulheres e meninas, intensificando os problemas já existentes nessas regiões do país, como o pouco acesso à água e ao saneamento básico, as desigualdades raciais, sociais e econômicas nos serviços de saúde e também as limitações aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

---

<sup>9</sup> Relatório *Human Rights Watch*. Disponível em: <<http://bit.ly/2IT5Pki>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

---

## Fundamentação teórica

Entendemos a comunicação como uma ação dialógica e relacional, sendo que as pessoas que participam do processo comunicativo são interlocutoras, sujeitos sociais e de fala, que apresentam para o meio social seu contexto de origem. A partir deste ponto de partida, nos apropriamos do modelo praxiológico de comunicação, desenvolvido por Louis Quéré (2018), para nos aproximarmos de nosso objeto de análise.

O modelo praxiológico de Quéré (2018) se contrapõe ao epistemológico, herdado do século XVII, que é o modelo representacionista e informacional, que se alinha mais fortemente com as teorias de comunicação que dão destaque à transferência de informações, como por exemplo, a teoria matemática. O modelo praxiológico, o qual nos alinhamos, defende que o mundo comum é constituído pela ação ou pela construção da realidade e atribui à linguagem uma dimensão além da de representação, se alinhando, portanto, à teoria relacional da comunicação. Para Quéré (2018), a linguagem deve ter uma dimensão expressiva e constitutiva, não servindo tão somente para representar ou nomear as coisas. Para ele, a comunicação é o lugar da constituição social dos fenômenos, “a linguagem também desempenha um papel importante na compreensão que temos de nós mesmos e de nossas práticas ordinárias” (QUÉRÉ, 2018. p.32).

Vera França (2006) complementa, ressaltando que é por meio da ação comunicativa que as pessoas estabelecem e constroem relações e, portanto, concebem novas visões e compartilham saberes. França (2018), também destaca que essa perspectiva praxiológica amplia nossa compreensão sobre o processo comunicativo e do próprio papel que a comunicação exerce em nossa sociedade, ela também reforça o fato de que essa perspectiva da comunicação funciona como uma chave de leitura sobre a vida social.

Quéré (2018) se inspira em Mead e afirma que o processo de reflexão, quando uma pessoa se relaciona consigo mesma por meio da consciência, é também de natureza comunicacional. Isso porque a ação requer que se adote um ponto de vista do outro sobre si mesmo, “seja o ponto de vista do outro particular com quem se interage, seja do outro generalizado acessível pela imaginação” (Quéré, 2018. p.39).

Nesse sentido, compreendemos que as mães de crianças com síndrome congênita causada pelo Zika vírus buscam, por meio de uma rede social na internet, se comunicar, darem a ver uma realidade de vida, falarem de si, dizerem sobre suas vivências, compartilharem suas experiências, que num primeiro olhar, podem parecer realidades

individuais, mas que também dizem de outras mães que vivem a mesma situação. Esse dizer de si mesmas, não se resume a um simples desabafo, antes se configura em um modo de se comunicarem, que acaba por ultrapassar os limites de seu âmbito doméstico e de suas relações pessoais.

Para Raquel Recuero (2009) as redes sociais na internet são constituídas por dois elementos: os atores e suas conexões. Os atores seriam as pessoas, instituições ou grupos que formariam os nós da rede. Já as conexões são as interações ou laços que são estabelecidos por esses atores. Essas conexões são os elementos que vão criar a estrutura na qual as pessoas irão formar as suas redes sociais. De acordo Recuero, a rede funciona como uma metáfora em que se observa os padrões em que os grupos se conectam. “A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (RECUERO, 2009, p. 24).

### **Procedimentos Metodológicos**

Nossa proposta é realizar um exercício metodológico, de modo que a posterior análise nos aproxime do entendimento para a seguinte questão: como as mães de crianças com síndrome congênita causada pelo Zika vírus refletem a maternidade, por meio de postagens em uma página do Facebook (UMA- União Mães de Anjos do Recife). Para nos auxiliar nesta tarefa, nos apropriamos da perspectiva teórica e metodológica de enquadramento, elaborada na década de 1970 por Erving Goffman. Ele se inspirou originalmente nos trabalhos voltados para o campo da psicologia, de Gregory Bateson, que elaborou o conceito de enquadramento em um texto apresentado no encontro da Associação Americana de Psiquiatria, em 1954, intitulado: “*A theory of play and fantasy*”.

No artigo, fruto de observações que fez de animais que brincavam em um zoológico, Bateson explicava o modo como as interações sociais se baseavam em quadros de sentidos que delineavam as interpretações e ações das pessoas envolvidas. Para ele, uma mensagem não podia ser compreendida tão somente a partir de um nível denotativo (de conteúdo), mas também no metacomunicativo, que vai além do que é dito ou demonstrado, já que a metacomunicação envolve também os gestos e outras nuances comunicativas, “qualquer mensagem que explícita ou implicitamente defina um enquadre, fornece ao receptor instruções ou auxílio em sua tentativa de entender as mensagens incluídas no enquadre” (BATESON, 2002, p.99).

Para Bateson, o nível metalinguístico se refere ao modo com a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos, já o nível

metacomunicativo envolve elementos que definem a relação estabelecida entre os falantes. Assim, para Bateson, os enunciados trazem em si marcas que configuram a relação estabelecida (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 188). A mensagem metacomunicativa seria, portanto, o enquadre que permite entender o que está acontecendo em determinada situação. O enquadre dispõe de um conjunto de códigos que compõe a mensagem, facilitando a compreensão. Metaforicamente, o enquadre funcionaria como uma moldura em torno de um quadro, que indica para onde a pessoa deve olhar.

Goffman, assim como Bateson, acreditava que os quadros ou o enquadramento possibilitam identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e também o envolvimento das pessoas, o que conseqüentemente auxiliam os sujeitos a compreenderem o que está acontecendo, de modo que saibam como se comportar em determinada situação. Esses quadros são mobilizados pelas pessoas durante a interação comunicativa, dependendo de sentidos que são partilhados. Para Goffman (2012), os acontecimentos são interpretados conforme vários tipos de quadros de sentido primários que são acionados cotidianamente e que ajudam a responder à seguinte questão: O que está acontecendo aqui?

Esses quadros seriam como chaves interpretativas as quais os indivíduos recorrem para entender e se posicionar em diferentes situações, já o enquadramento seria a mobilização desses quadros, o que ajudaria a organizar a experiência, porque permite compreender o que está acontecendo e orienta para uma ação prática (MENDONÇA; SIMÕES, 2012). Assim, iremos observar como se estabelece o processo comunicacional e como, por meio da linguagem e de outras marcas enunciativas, é enquadrada a maternidade, de acordo com alguns *posts* da página do Facebook da UMA.

Uma dimensão teórica/metodológica estruturante que adotaremos em nossa análise será a perspectiva de um feminismo negro interseccional, isso porque, conforme destacamos na introdução do artigo foram e são as mulheres, pobres, negras (pretas e pardas, de acordo com a classificação do IBGE) e nordestinas as maiores vítimas da doença e de sua implicação mais grave, a síndrome congênita.

Conforme Cidinha da Silva (2018) ressalta, no final dos anos 1970 a brasileira Lélia Gonzalez já articulava as opressões cruzadas que as mulheres negras e pobres enfrentavam, embora ainda não utilizasse o termo interseccionalidade, que foi cunhado somente em 2001 pela advogada estadunidense, Kimberlé Crenshaw. Assim, no horizonte

---

intersseccional deve-se considerar a raça, o gênero, a classe, a sexualidade, dentre outros fatores como essenciais para poder se compreender as vivências dessas mulheres.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais de dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Para Crenshaw, o racismo é diferente do patriarcalismo, que é distinto da opressão por classe, por exemplo, o que ocorre é que esses vários eixos se cruzam e se sobrepõem. Ao se ter uma visão universalista das opressões, tendo como parâmetro de universal somente as experiências dos homens e brancos, outras opressões e vivências tendem a ser silenciadas ou colocadas em lugares marginais.

Conforme bell hooks<sup>10</sup> (2015) ressalta, a experiência de vida das mulheres negras muitas vezes desafia a estrutura social racista, machista e classista, porque as mulheres negras não dispõem de um “outro” institucionalizado para que possam discriminar, explorar ou oprimir, isso faz com que a experiência de mundo das mulheres negras seja distinta da de quem tem algum tipo de privilégio.

## **Resultados e Discussão**

Como recorte empírico deste artigo que irá constituir nosso *corpus* de análise, selecionamos duas postagens na página da UMA (União Mães de Anjos do Recife), referentes ao ano de 2019, em duas datas específicas: Dia das mães, no mês de maio e o Dia internacional das mulheres, celebrado em 8 de março. Escolhemos essas duas datas comemorativas pois são momentos em que normalmente as mulheres e mães tendem a se expressar, além disso, porque esses dois *posts* sintetizam a maneira como essas mulheres se veem e também porque foram postagens que tiveram um bom engajamento na página. Seguem abaixo as postagens, bem como a análise delas.

---

<sup>10</sup> bell hooks é o pseudônimo adotado pela escritora negra estadunidense Gloria Jean Watkins. O nome foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Por opção da própria autora, a grafia do nome é em minúsculo.

### 1º post- Dia das mães

“Parabéns pra todas nós que vivemos em um mundo de descobertas, um mundo onde não existe só o preto no branco e sim é um mundo colorido Onde aprendemos a dá valor a coisa simples que o dinheiro jamais comprará, Viva o nosso dia onde mães de Anjos também são Anjos”. Homenagem a todas as mães de anjos por Bruna Tamiris Mãe do Enzo com 3 anos e 6 meses,



Figura 1- Post da página UMA (União Mães de Anjos do Recife), de 12 de maio de 2019.

Nesta postagem do dia 12 de maio de 2019, há um texto e uma imagem de vários anjinhos crianças e a mensagem: “Feliz dia das Mães”. Há também um coração abaixo está escrito: Mãe de Anjo. É interessante explicitar que é comum, na página, referir-se a uma criança como “anjo”. Este é a sintaxe adotada tanto pelas mães, quanto pelas demais pessoas (por meio de comentários) quando se referem às crianças com microcefalia. Já as mães, não são apenas mães, receberam uma missão de vida, que é a de ser a mãe de um “anjo”. Situação que é encarada como um verdadeiro presente que a vida concedeu a essas mulheres, conforme é sintetizado no comentário de Cristina Feijó: “Parabéns mães guerreiras e abençoadas”.

### 2º post- Dia Internacional das mulheres

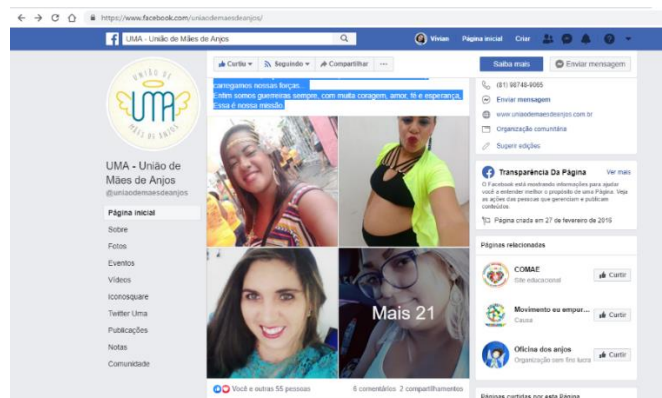


Figura 2- Post da página UMA (União Mães de Anjos do Recife), de 8 de março de 2019.



No dia das mulheres, oito de março, foram feitas duas postagens com fotos e texto (texto que se assemelha a um formato de um poema ou de uma prece) de algumas mulheres/mães que possivelmente fazem parte da entidade. Foram postadas fotos de 48 mulheres e provavelmente em razão dessa quantidade, foram realizadas duas postagens com o mesmo texto. Sendo que em uma constavam fotos de 21 mulheres e na outra postagem com fotos de 27 mulheres. Nestes *posts*, notamos que todas as mulheres estão sorrindo. Além disso, percebe-se que maior parte dessas mulheres é composta por mulheres negras (pretas e pardas) e bem jovens. Já o texto, que é um pouco extenso, busca sintetizar as dificuldades pelas quais todas elas atravessam para criarem seus filhos e filhas. Em cada frase expressa fica evidenciada a maneira como elas encaram a maternidade e como se entendem como mulheres. Abaixo destaco algumas passagens do texto:

“Ter um filho com alguma deficiência não é para muitas mulheres não, **por isso Deus escolheu a dedo cada uma dessas mulheres**”.

“Mulheres que mesmo passando muitas noites em claro, **levantam e recomeçam o dia com muita luta**”.

“Mulheres que **abrem mão de seus sonhos, de suas vidas**, pois aprendem que um novo sonho surge a cada dia”.

“Mulheres que mesmo sabendo que seus filhos especiais **vão ser o centro das atenção em lugares públicos**, e muitas pessoas olharam com receio e sentiram "peninha", erguerão a cabeça e seguirão em frente, pois sabem que a nossa luz incomoda muita gente... “

“Mulheres mesmo cansadas, de ouvir mais uma vez, alguns profissionais especializados desenganar seus filhos (as), **irão sempre acreditar e lutar pela cura**, pelo milagre, sempre com fé e esperança.”

“Mulheres **que fazem tudo sozinha**, Onde familiares e amigos nem liguem para sua filha (o). Não procuram se informar, e ainda te julgam... “

“Porque nós mulheres com filhos especiais aceitamos **o nosso Dom, que Deus nos deu**, e a nossa missão é lutar cada dia mais e desistir jamais.”

“Mulheres **que brigarão e defenderão seus** filhos com unhas e dentes, e lutaram pela Inclusão escolar e social...”

“Hoje é o dia internacional da mulher, Parabéns para nós todos os dias, pois nós **vencemos, superamos obstáculos**, inovamos nossos sonhos, carregamos nossas forças... “

“Nós Mulheres que Buscam sempre animar nossos pequenos, pois sabemos que um sorriso deles transforma qualquer tristeza em alegria, qualquer dor na coluna sara com qualquer palavrinha q tentam falar... Sabemos que uma

---

mãozinha segurando um copo, um passinho no chão, um controle de pescoço, um balançar de cabeça involuntário, **uma noite ou dia sem convulsão, isso é Milagre**, cada dia somos privilegiadas com um novo Milagre da vida

“Enfim **somos guerreiras sempre**, com muita coragem, amor, fé e esperança, Essa é nossa **missão**.”<sup>11</sup> (UMA, 2019).

Ao observarmos esse material empírico, notamos que alguns enquadramentos são construídos sobre maternidade e, em especial, da maternidade que é desempenhada pelas mães de crianças com síndrome aguda grave causada pelo Zika Vírus, que fazem parte da União Mãe de Anjos. Assim destacamos dois enquadramentos que sobressaíram nos dois *posts*: o da mãe que é cuidadora, que recebeu um dom superior e tem a missão de cuidar de uma criança deficiente e o da mãe resiliente, guerreira, que enfrenta todas as dificuldades, porque recebeu o dom divino de ser uma mãe de um “anjo”.

## **Análises**

### **Mãe é quem cuida**

Ser mãe, em nossa sociedade, ainda é considerado um fenômeno natural e esperado de toda mulher, porque há no senso comum, a coexistência de uma visão da maternidade como um trunfo e também como um sinal de vulnerabilidade da mulher (CORRÊA, 2011). Enfim, o que se espera, considerando este imaginário social, é que a mulher cumpra seu destino, que seria o de ser mãe e uma mãe que também é cuidadora. Apesar da tarefa de cuidar fazer parte da realidade de todas as pessoas em maior ou menor escala, muitas vezes, não irá receber o enfoque adequado, tendendo a ser invisibilizada: “O trabalho do cuidado não é só invisível, como também naturalizado, considerado um dom ou uma qualidade pessoal própria da feminilidade” (CORRÊA, 2012, p. 96).

Sabemos que, de maneira geral, todas as pessoas irão necessitar de cuidados em algum momento de suas vidas, algumas em maior medida do que outras. Portanto, a vulnerabilidade margeia toda e qualquer existência humana. No entanto, não podemos desconsiderar que serão as determinantes sociais, raciais e de gênero que poderão apontar quem provavelmente serão os cuidadores e os que receberão cuidados. Flávia Birolli (2018) ressalta que as mulheres que mais cuidam, seja por meio de um trabalho remunerado, ou pelo doméstico não remunerado, são as que menos são cuidadas. Tal afirmação encontra ressonância, por exemplo, no trecho do *post*: “Mulheres que fazem

---

<sup>11</sup> Mantive a grafia original do post.

---

tudo sozinha, onde familiares e amigos nem liguem para sua filha (o). Não procuram se informar, e ainda te julgam...”.

Em complemento a isso, Sandra Laugier (2016) destaca que as atividades de cuidado têm sido socialmente, politicamente e moralmente desvalorizadas e relegadas às pessoas subalternizadas, que são em grande medida representadas pelas mulheres, que muitas vezes são pobres e em diversos casos, negras. Assim, essas pessoas são mantidas isoladas da esfera pública, permanecendo invisíveis dentro do âmbito doméstico.

### **Mãe guerreira, de anjo**

Nos trechos dos *posts* do dia das mulheres; “Mulheres que abrem mão de seus sonhos, de suas vidas, pois aprendem que um novo sonho surge a cada dia”, e também no *post* do dia das mães: “Parabéns pra todas nós que vivemos em um mundo de descobertas, um mundo onde não existe só o preto no branco e sim é um mundo colorido, onde aprendemos a dá valor a coisa simples que o dinheiro jamais comprará, Viva o nosso dia onde mães de Anjos também são Anjos”, nos leva a refletir no quanto a maternidade exercida por essas mulheres é algo que talvez tangencie outra esfera de relação humana, que chega inclusive a ser mística ou religiosa.

Cuidar dos seus filhos e filhas é mais do que maternar uma criança, é um “dom divino” e também se configura com uma forma de resistência. Para dar conta de enfrentar o mundo cheio de dificuldades, preconceitos e cobranças, elas se fortalecem na narrativa do empoderamento mútuo e na crença de que há uma razão maior para estarem passando pela situação. Deste modo, as mulheres se identificam como guerreiras, elas não são apenas mães, mas são mães de anjos.

Birolli (2018) comenta que, embora todas as mulheres sejam de alguma maneira, julgadas no que se refere à maternidade, as expectativas e julgamentos não são dirigidos da mesma maneira para todas as mulheres. Ela destaca que a classe e a raça serão determinantes no modo como cada mulher será cobrada. “Os constrangimentos materiais e ideológicos que se impõem às mulheres variam e são vivenciados de maneiras diversificadas, de acordo com a classe social e a raça” (BIROLLI, 2018, p. 37). Deste modo, quanto mais essas mulheres estiverem inseridas em um perfil de vulnerabilidade social, maiores serão as cobranças.

Considerando esses elementos, é possível perceber, pela análise empreendida nos *posts* que essas mulheres se percebem e são vistas como guerreiras, como “mães de anjos”

e que também estão em busca de respeito, reconhecimento de seus direitos e apoio. Ser mãe para elas, não é um fardo, pelo contrário, é uma maneira de se sentirem fortes, vivas. Birolli (2018) destaca que “a mobilização da maternidade como símbolo de poder vem sendo compreendida como reação à violência e ao racismo que oprime seus filhos, não como uma forma de ação política de menor valor ou maturidade” (BIROLLI, 2018, p. 38).

Para tentar compreender o que impulsiona essas mulheres é essencial abandonar algumas ideias arraigadas do feminismo hegemônico, como, por exemplo, a crença de que trabalho remunerado iria possibilitar a liberdade de todas as mulheres. “A ideia de que o trabalho remunerado libertaria as mulheres é uma idealização fincada na experiência de mulheres brancas” (BIROLLI, 2018, p. 38). São as mulheres brancas, das classes mais elevadas, das regiões mais ricas do país, que têm maiores possibilidades de terem uma carreira profissional, com reconhecimento e retorno financeiros suficientes para garantir a elas algum tipo de autonomia. Para quem nasceu mulher, negra, pobre e nordestina e em seguida, tornou-se mãe de uma criança com deficiência, a visão sobre o trabalho provavelmente não será a mesma que a de uma mulher branca, de classe média ou alta, moradora da região sudeste ou sul do país.

Por isso, é relevante compreender que a família e a crença religiosa ou mística podem funcionar como alguns dos poucos mecanismos de suporte para as mulheres que são o foco de nossa análise. Assim fica evidenciada a importância e a essencialidade que a maternidade tem para elas. “Abrir mão de algum sonho”, tem sentidos pessoais para cada mulher e aprender que “um novo sonho surge a cada dia” também aciona diferentes sentimentos para cada mulher.

### **Considerações finais**

Por fim, é importante reforçar que o Zika vírus é transmitido pelo *Aedes aegypti*, mosquito que está presente em todo o território brasileiro, transmitindo também a Dengue e a Chikungunya e que configura um problema de saúde com potencial de atingir qualquer pessoa que more ou venha ao país e, especialmente, qualquer mulher que esteja grávida. O problema do Zika vírus e de sua mais grave implicação, a síndrome congênita, é uma questão social e de saúde pública, cabendo ao poder público tomar as providências necessárias ao enfrentamento e prevenção à doença. Todavia, vale ressaltar que as doenças provocadas pelo *Aedes aegypti* estão inseridas no campo das doenças

---

negligenciadas<sup>12</sup>, tendendo a receber menor cobertura midiática e pouca atenção do poder público, o que provoca certo silenciamento sobre o assunto.

Inesita Soares (2015) comenta que no campo da comunicação e saúde é possível perceber mais fortemente as tensões entre o público e o privado no que se refere às doenças que ganham mais atenção da mídia em contraposição às doenças negligenciadas<sup>13</sup>, estas últimas seriam aquelas mais comuns em países e comunidades mais pobres.

A Aids e mais contemporaneamente o câncer são objetos de intensa e intensiva atenção das mídias, enquanto as chamadas doenças negligenciadas, que são as “doenças de pobre” e, por isso, não atraem investimentos em pesquisas, desenvolvimento de fármacos, kits de diagnóstico, políticas de assistência etc., são negligenciadas midiaticamente. O negligenciamento é resultado de muitos fatores, que incluem fortemente interesses econômicos do mundo privado (SOARES, 2015, p. 178).

Como estratégia para enfrentar esse silenciamento, as mães se apropriaram de uma rede social na internet para apresentar suas histórias, construindo suas próprias narrativas, sendo atrizes do processo comunicativo em que estão implicadas. Elas estão “contando” e não sendo “contadas”, são sujeitas e não objetos de pesquisa. Nesse sentido, foi relevante compreender os contextos dessas mulheres a partir da visada interseccional, que nos ajudou a apreender as especificidades de gênero, classe e raça no acesso à saúde.

Por fim, percebemos que a maternidade é uma construção comunicacional e social e que o enquadramento que é estruturado nos *posts* analisados da página da UMA foi influenciado pelas vivências e realidades de cada uma. Vale ressaltar que neste artigo, considerando as limitações de espaço e também por estarmos ainda no início de nossa pesquisa, realizamos um exercício de análise com somente duas postagens de 2019. Sendo, portanto, necessário um *corpus* maior para nos aproximarmos com maior segurança da resposta ou respostas para a pergunta que nos norteou. Contudo, já é possível dizer que para essas mulheres, ser mãe de uma criança com deficiência não seria um encargo maior do que poderiam suportar, seria inclusive um dom divino. Essas mulheres resignificaram o sentido da maternidade de uma criança com deficiência,

---

<sup>12</sup> As doenças negligenciadas são aquelas causadas por agentes infecciosos ou parasitas e são consideradas endêmicas em populações de baixa renda. <<https://agencia.fiocruz.br/doen%C3%A7as-negligenciadas>> Acesso em 18 de julho de 2019.

<sup>13</sup> As doenças negligenciadas são aquelas causadas por agentes infecciosos ou parasitas e são consideradas endêmicas em populações de baixa renda. <<https://agencia.fiocruz.br/doen%C3%A7as-negligenciadas>> Acesso em 05 de julho de 2019

passando a se verem e serem vistas como pessoas fortes, guerreiras, que enfrentam batalhas. Embora atravessem diversas situações adversas, elas se fortalecem ao acreditarem que foram escolhidas para serem mães de verdadeiros “anjos”.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Maria de Fatima Pessoa Militão de et al. **Epidemia de microcefalia e vírus Zika: a construção do conhecimento em epidemiologia**. Cad. Saúde Pública [online]. 2018, vol.34, n.10, e00069018. Epub 11-Out-2018. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00069018>.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.

BIROLI, F. Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002, p. 171-187.

CORRÊA, Laura Guimarães. **Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem**. 2011. 244 p. Tese. Doutorado em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011.

CORRÊA, Laura Guimarães. Quem sempre troca a Maria? Transgressão e permanência dos papéis de gênero na publicidade. In: FRANÇA, V. R. V.; CORRÊA, L. G. (Org.). **Mídia, instituições e valores**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, p. 85-96, 2012.

DINIZ, Débora. **Zika: do sertão nordestino à ameaça global**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FACEBOOK. **União mães de anjos**. Disponível em: <https://www.facebook.com/uniaodemaesdeanjos/>. Acesso em: 20 de jun.2019

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos da comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-88.

FRANÇA, V.R.V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: FRANÇA, V.R.V.Ç ; SIMÕES, P. G. (Orgs.) **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 89-117.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

hooks. bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 16, janeiro - abril de 2015, p. 193-210. Disponível em:

---

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LAUGIER, Sandra. Politics of vulnerability and responsibility for ordinary others. **Critical Horizons**, v. 17, n. 2, 2016, p. 207-223.

LESSER, Jeffrey; KITRON, Uriel. **A geografia social do Zika no Brasil**. Tradução de Carlos Malferrari do original em inglês –The social geography of Zika in Brazil. 2016. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000300167](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000300167) >. Acesso em: 5 ago. 2017.

MENDONÇA, Fabrino; SIMÕES, Paula. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo. vol. 27. n. 79, p. 181-235, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a12.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico a um modelo praxiológico da comunicação. In: França, V.R.V; Simões, P.G. ( ORGs.) **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p.15-48

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).191 p.

SILVA, da Cidinha. Feminismo Negro- De onde viemos: aproximações de uma memória. In: HOLLANDA, H. B (Org). **Explosão feminista**. São Paulo: Cia das Letras, 2018. p.252-259.

SOARES, Germana. Como transformar a superação em Missão. TEDxDeVryRecifeWomen, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-iOwWGs8gA>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

SOARES, INESITA. **Tensões e sinergias entre o público e o privado, em um campo em movimento**. In: Paulo Castro (org.) Dicotomia público/privado estamos no caminho certo? Maceió: Edufal, 2015.

SOARES, Nana. **As mulheres esquecidas da Zika**. Agência Patrícia Galvão, 2017. Disponível em:<http://agenciapatriciagalvao.org.br/especial-zika-virus/mulheres-esquecidas-da-zika-por-nana-soares>. Acesso em: 20 de jun. 2019